

ERA UMA VEZ NO HOSPITAL: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Maria Felícia Romeiro Mota Silva¹

Vera Regiane B. Nunes²

RESUMO:

Um hospital está longe de ser um local divertido, mas pode ser um local no qual se tenha crianças interessadas na leitura de uma boa história e de viajar em seu universo imagético. O presente artigo relata a experiência de atividades de leitura vivenciadas pelos acadêmicos e docentes do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia através do projeto de extensão universitária “Era uma vez no hospital: Contação de Historias” aplicado na ala pediátrica do Hospital do Oeste no município de Barreiras-Ba, com o intuito de proporcionar aprendizado e entretenimento através de leituras para crianças que estão em sistema de internação. Como metodologia, utiliza-se da dramatização para propiciar a atmosfera lúdica, além de leituras em grupo e individuais. São utilizados como recursos, fantoches, fantasias, músicas, livros infantis, maquiagens entre outros. As histórias inseridas neste contexto têm o intuito de amenizar o efeito doloroso do tratamento, além de promover a leitura e a reflexão da realidade, pois também acreditamos ser um direito do cidadão.

PALAVRAS – CHAVE: Conhecimento. Contação de historias. Crianças hospitalizadas. Interpretação textual. Leitura.

ABSTRACT:

A hospital is far from being a fun place, but can be a place that has children interested in reading a good story and travel the universe in its imagery. This article reports the experience of reading activities experienced by scholars and teachers of, University of Bahia through the university extension project “ Once upon a time in the hospital: storytelling” applied in the pediatric ward of the Hospital of West in the city of Barreiras-BA, in order to provide learning and entertainment through reading to children who are hospitalized. The methodology of the dramatization is used to provide a fun atmosphere of readings group and individual. They are used as resources, puppets, costumes, music, children’s books, makeup and more. The stories included in this context are intended to ease the painful effect of the treatment, in addition to promoting reading and reflection of reality, because we also believe that citizen has a right to it.

KEY-WORDS: Knowledge. Tell stories. Hospitalized children. Interpretation. Reading.

¹ Graduada em Letras e Especialista em Estudos Linguísticos: Leitura e Produção de Textos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atua como docente nos cursos de Letras da Faculdade Arnaldo Horácio Ferreira e da Universidade do Estado da Bahia, e coordena o Projeto de Extensão “Era uma vez no Hospital”. clarafelicia@yahoo.com.br

² Graduada em Pedagogia, Especialista em Arte-Educação e Mestranda em História pela Universidade Católica de Goiás. Atua como docente no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia e coordena o projeto de Extensão “ Era uma vez no Hospital”. veraregiane@yahoo.com.br

1- INTRODUÇÃO

“A promoção da leitura, é, portanto, um problema de todos. Passa pela família, pela escola, pela biblioteca, pela comunidade e pela sociedade. Não pode ser considerada um presente do Estado, posto que é um direito do cidadão.”

Clarice Fortkamp Caldin

O ato de contar histórias é uma das diversas formas encontradas para passar os conhecimentos adquiridos de uma geração para outra, visto que as histórias são relatos de experiências que trazem lições a partir das quais os mais novos continuam suas vivências, pode-se ainda dizer que é uma forma de possibilitar uma continuidade na evolução humana.

Num passado, havia mais espaço e tempo no seio da família para compartilhar as experiências e as vivências do dia-a-dia. Em muitos lares, após o jantar, todos se agrupavam ao redor do avô ou da avó, do pai ou da mãe, para ouvi-los falar sobre a história da família – e muitos tinham em seu meio um contador de histórias, essa prática vem se perdendo. A contação de histórias está presente na cultura humana desde os tempos antigos, como; conhecimento, arte, prazer, fruição, atividade de lazer, que permite a manifestação lúdica levando o ouvinte para o mundo do sonho e da fantasia, permite ampliar pontos de vista sobre a realidade, viver infinitas experiências e emocionar de diferentes maneiras.

A importância de contar histórias vai muito além do entretenimento, por meio delas se enriquece as experiências infantis e desenvolvem diversas formas de linguagem, amplia o vocabulário, ajuda na formação do caráter, e no desenvolvimento da confiança e do imaginário. Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre as figuras e o texto lido ou narrado, por exemplo), a construção do pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais a partir das interpretações realizadas.

A forma que se lê um livro para alguém, dá a este a chance de poder “viajar sem sair do lugar”, uma viagem imagética e lúdica em que o ouvinte ou leitor embarca. Pensando nisto, o projeto **“Era uma vez no hospital”** tem um intuito de reviver esta forma de expressão artística e motivar fantasias vividas por meio das imagens e

emoções suscitadas nas histórias. O contador de histórias é o personagem central que dá a sua interpretação da narrativa, dá vida ao texto e possibilita aos que ouvem a ressignificação textual a partir das interpretações realizadas do universo humano. O público alvo desta proposta são os pacientes da Ala Pediátrica do Hospital do Oeste em Barreiras-Ba.

As crianças e adolescentes que estão na condição de internamento ficam frágeis e impossibilitadas de realizarem atividades que sempre gostam de fazer como correr, esconder, pular, brincar, mas não estão impedidas de percorrer no mundo imagético das histórias e poesias. Um hospital não é um local de divertimento, mas, pode ser um local no qual se tenha criança interessadas na leitura e no conhecimento que um livro proporciona.

A hospitalização causa medo e sofrimento, muitas vezes intensos, que podem afetar a integridade emocional dos pacientes e dos familiares. O enfadonho período de internação hospitalar é um dos piores acontecimentos para uma criança, pois além de afastá-la de sua família e escola, também torna distante o contato com o seu íntimo-imaginário. Os pacientes internados ficam muito tempo ansiosos com o tratamento, além do tédio e a inquietação por conta do tempo ocioso. As histórias inseridas neste contexto têm como objetivo aliviar a ansiedade do período do internamento, além de incentivar a reflexão da realidade por meio da leitura de gêneros diversos.

2. REVISÃO LITERÁRIA

O ato de contar histórias é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. O impulso de contar história pode ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. As gravações em pedras nos tempos das cavernas, por exemplo, são registros de narrações; a bíblia sagrada é um livro que abrange diversas narrativas, filosofia, dogmas e as origens do povo cristão transmitidos por gerações; a diversidade de filmes, animações e telenovelas nos mostra como o ser humano vêm reinventando a forma de produzir e contar histórias. Como se observa o hábito de contar

histórias acompanha o homem desde os tempos mais remotos e continua até os nossos dias.

O narrador se forma naturalmente contando e vendo os outros falarem de suas experiências e assim, adquire-se aos poucos um repertório de histórias que mais tarde irá narrar a outros membros da comunidade. Antigamente, o ato de contar histórias acontecia no fim da tarde e nos momentos em que membros da comunidade se reuniam para contar os acontecimentos do dia-a-dia. Ouvir uma história, contá-la e recontá-la durante muitos anos, foi a maneira que muitos povos encontravam em preservar os seus valores e a coesão de uma determinada comunidade, além de passar às gerações futuras os saberes de um povo. CALDIN (2002)

O contador possibilita ao ouvinte o acesso às histórias, fazendo com que ele viva as emoções proporcionadas por elas. O leitor/ouvinte ao interpretar os conflitos e dificuldades que vão sendo enfrentados pelos personagens fictícios estabelece conexões com a sua realidade. Como ressalta Abramovich (2004, p.17):

É ouvindo histórias que se pode sentir “também” emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, toda amplitude e significância e verdade que cada uma faz ou não brotar [...], pois é ouvir sentir e exercer com os olhos do imaginário.

O ser humano tem necessidades de viver experiências fora do mundo real, pois é no mundo da fantasia e do imaginário que o sujeito vivencia outras experiências e satisfaz muitos de seus desejos, isso o torna mais fortes e com maior capacidade de reflexão. Dessa forma percebe-se que ao entrar no mundo do faz-de-conta, proporcionado pela contação, independentemente do gênero, conto, piada ou mesmo um poema, o ouvinte/leitor tem a chance de fazer uma nova leitura do mundo real. CADERMATORI (1991)

É a ausência de regras impostas que dá à imaginação a característica de um mundo sem fronteiras, possibilita articular idéias que vão além do raciocínio lógico e nos permite a percepção do que antes era desconhecido. Assim, é possível dizer que o contador de histórias tem grande importância para o desenvolvimento humano em todas as suas fases, pois, em todos os momentos da vida experimenta diversas possibilidades oferecidas pelas histórias. BENJAMIN (1994)

O viver humano é preenchido por suas experiências que dão significado à sua presença no mundo. É esse viver e o fato de estar inserido socialmente que o possibilitou se relacionar com seu ambiente, elaborando as diversas culturas proporcionadas pelas formas de relações estabelecidas e com os diferentes espaços. É pela reconstrução de significado da realidade que o sujeito foi atribuindo a ficção em suas ações, conservadas pelas narrativas.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra época, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. ABRAMOVICH (2004, p.17)

Ler ou contar histórias para as crianças, é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas idéias para solucionar questões. Para Abramovich (2004) é a partir de histórias simples, que a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real.

Ao ouvir uma história tem-se contato com diferentes povos, culturas espaços e outros elementos que permitem que a visão de mundo seja ampliada. Um dos elos é o contador de histórias que provoca o ouvinte para que com ele vivencie emoções. Decorre da leitura também a postura crítico-reflexiva que é extremamente relevante na formação cognitiva das crianças.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente. É pela voz do adulto, geralmente a mãe e o pai, que ela entra em contato com as histórias infantis. Contribuindo algumas vezes para formar poetas e escritores que descobriram no decorrer de sua vida que seu amor à literatura e, mesmo, muitas de suas poesias e de seus contos tiveram o seu nascedouro já na sua primeira infância. Partindo deste pressuposto, quanto mais cedo a criança tiver contatos com livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior é a probabilidade de nela nascer o amor aos livros.

A contação de histórias hoje faz parte das atividades relacionadas a comunicação, a cultura, a informação, e ao lazer, pois, elas também buscam proporcionar valores, prazer, fantasia, criação, ludicidade e conhecimento. É preciso que se tome consciência da importância desses elementos na formação do sujeito social.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto “**Era uma vez no hospital: contação de historias**” é realizado na Clínica Pediátrica do Hospital do Oeste (HO) situado em Barreiras-Ba. O HO é público estadual e se dedica aos usuários do Sistema Único de Saúde – SUS, atende toda a região do Oeste da Bahia que engloba 36 municípios. São no total 204 leitos, destes 29 distribuídos nas emergências (adulto, pediátrica e obstétrica) e 175 para internação, distribuídos em: 24 leitos de UTI (neonatal, adultos e pediatria), 15 de cuidados intermediários de neonatal, 10 da unidade de queimados, 31 de clínica médica, 31 de clínica cirúrgica, 34 de clínica pediátrica e 30 de clínica obstétrica.³

A primeira edição do projeto “**Era uma vez no hospital: contação de historias**” teve carga horária de 100 horas divididas em: grupo de estudos teóricos para discussão sobre narrativas e técnicas para contação de histórias baseados em pesquisas bibliográficas; observação do ambiente hospitalar e clientela; seleção e confecção de material; ensaios e apresentações.

Antes de começar a contação no hospital, é feito o convite nos quartos do pacientes para a participação da atividade de leitura que sempre é realizada na Brinquedoteca que fica dentro da Clínica Pediátrica do Hospital do Oeste, o ambiente de contação é preparado pelos acadêmicos/monitores e pelas coordenadoras do projeto. As crianças que não tem condições de locomoção são transportadas até o ambiente de cadeira de rodas ou em seus próprios leitos. Somente ficam impossibilitadas de participar da atividade as crianças que estão no isolamento por grande risco de contaminação. Por opção do grupo de contadores, não é feita nenhuma atividades nos quartos, e não se pergunta detalhes das enfermidades para não constranger e nem invadir a intimidade do paciente. Antes das apresentações, os acompanhantes dos enfermos assinam o Termo de Livre Consentimento esclarecido conforme determinação da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁴.

Cada sessão dura em média 30 minutos, dividida em dois momentos: contação ou performance teatral e retorno da platéia (discussão das impressões causadas pelo texto através da verbalização das crianças). Os recursos materiais utilizados nas

³ Dados fornecidos pelo Hospital do Oeste – Barreiras-Ba

⁴ BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos**: resolução nº 196/96. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 1996.

apresentações são diversos, a depender da história apresentada: livros de literatura infantil, música, balões, fantoche, maquiagem, data-show, violão, entre outros. Após a contação as crianças internadas são presenteadas com livros. As sessões são realizadas aos sábados para um público médio de 25 pessoas (crianças enfermas, acompanhantes e profissionais de saúde).

4. RESULTADOS

Este projeto surgiu a partir das discussões propostas pelas disciplinas Literatura Infanto-juvenil e Seminário Interdisciplinar de Pesquisa ministradas no curso de Letras do Campus IX da UNEB. Houve uma necessidade de extrapolar a discussão teórica e de efetivamente promover momentos de leitura na comunidade. Inicialmente foi feita uma pesquisa exploratória (hospital, creches, asilo, orfanato) com entrevista e realização de contação para saber qual o público alvo que se pretendia atuar. Verificou-se que o grupo mais carente de atividade que promovem a leitura foi o hospital. A partir de posse destes dados iniciais e com o desejo da turma de ir além da carga horária disponibilizada pelas disciplinas deu-se início ao projeto de extensão **“Era uma vez no hospital: contação de histórias”**.

O projeto foi levado à diretoria do hospital e a enfermeira chefe responsável pela clínica pediátrica aceitou muito bem a proposta humanizada de trato ao paciente. Como já foi mencionado, é disponibilizado ao grupo de contadores o espaço da Briquedoteca para a realização das atividades de contação. Antes das atividades a equipe de contadores recebeu orientações sobre o trato com paciente, questões éticas, higienização antes e após das atividades nas dependências do hospital. A enfermeira chefe salientou também sobre a dificuldade inicial que a equipe pode encontrar no que diz respeito à questão emocional ao deparar com alguns casos de pacientes.

As Contações de Histórias, em sua primeira edição, foram realizadas após as primeiras medicações e o café da manhã (aproximadamente às 09:00) com término antes do horário da segunda medicação (10:00). O tempo médio de permanência do grupo no ambiente hospitalar é de duas horas, sendo que destinadas a contação é de somente 30 a 40 minutos o tempo restante é destinado na preparação do ambiente. Verificou-se que as histórias de longa duração acabam cansando e dispersando as

crianças, principalmente as menores de 05 anos. O fato de estarem enfermas e presas a soro, sondas, gesso..., algumas vezes sentindo dores ou sonolentas as deixa um pouco desconfortáveis para ficarem muito tempo sentadas. O ideal é que apresente narrativas curtas, com tempo para fazer a interação com a platéia.

O contador precisa atentar para a situação do público para criar novas formas de motivação. É importante não esquecer que se trata de uma plateia não convencional, que a princípio se mostra apática por conta da patologia ou da medicação. A interação é um pouco dificultada também por não reconhecer, no primeiro instante, que o hospital pode ser espaço para realizar diversas leituras. Apesar da alta rotatividade da clientela, pode-se considerar que o pequeno trabalho de conscientização da promoção da leitura de textos de gêneros diversos (conto, piada, cinema, teatro, poema, música...) e o reconhecimento da importância social destes obtiveram êxito. Para Caldin (2011,p. 05)

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a idéia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos.

Enfatizou-se para as crianças e seus acompanhantes que a leitura, seja como forma de reflexão ou como forma de entretenimento, faz parte da sociedade e não pode ser encarada como uma atividade exclusiva da escola. A distribuição dos livros após as apresentações do grupo vem reforçar essa ideia. Neste momento é possível perceber na maioria dos casos, o encantamento das crianças com o livro, o desejo de folheá-lo e conhecer as histórias.

Mesmo com pouco tempo no hospital para a realização do trabalho, é possível perceber a pequena mudança de estado de humor dos pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde, após as performances de leitura, uma vez que as narrativas favorecem o envolvimento emocional. Observou-se que o fator emocional é importante na reabilitação dos pacientes, segundo o depoimento das enfermeiras, as crianças enfermas reagem melhor ao tratamento quando saem de um estado depressivo e melhoram a sua auto-estima proporcionada pela atividade lúdica. Sobre essa questão Caldin (2011, p. 13) acrescenta que “a leitura, ao favorecer a introspecção, leva o indivíduo a refletir sobre os seus sentimentos – o que é terapêutico, pois sempre desponta a possibilidade de mudança comportamental.”

O estímulo para a leitura deve começar na infância quando as crianças passam a gostar de palavras e de ouvir histórias, além de animarem-se ao contar momentos de sua vida para pessoas próximas. Lajolo e Zilberman (1985) argumentam que a leitura favorece o desenvolvimento crítico. Abramovich (2004, p. 20) concorda quando afirma que, “ouvir e ler histórias [...] é poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar [...], é se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de idéia”.

Dessa forma, podemos afirmar que o ato de contar histórias além de ser uma atividade inerente ao ser humano é essencial para a sua formação como indivíduo construtor do próprio conhecimento, de sua própria formação intelectual e social. Ao dar som e imagens à palavra da história, o contador tem o poder de reencantar o mundo, levar o outro para o mundo da fantasia quando o convida a brincar com seus próprios pensamentos, possibilitando que este vivencie experiências de formas diversas. De acordo com Coelho (2000, p. 53) as histórias infantis “tem a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança”.

A proposta de trabalho e pesquisa proporcionou uma “reabilitação” também no grupo de contadores, à medida que os acadêmicos iam criando estratégias para relacionar a teoria estudada sobre formação de leitores adaptada à situação do ambiente hospitalar, foi também evoluindo a percepção dos estudantes da função social da leitura. Este tipo de atividade prática caracteriza-se como um momento de análise crítica da realidade, constituindo-se um elemento complementar ao conhecimento teórico, necessário à formação profissional universitária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar e ouvir histórias são atividades que, antes de instruir, divertem e proporcionam um ambiente de descontração e igualdade. Possibilita que o ouvinte e o contador criem sua história a partir das próprias experiências, alimenta o imaginário e desenvolve a faculdade de representação por meio de uma viagem em que o contador é o protagonista que conduz o público a viver, com ele, diversas experiências. Dessa

forma, o ouvinte é co-autor da história e tem sua experiência interna respeitada, pois pode construir as imagens da história e desfrutar dessa vivência à sua maneira.

A contação de histórias é um importante instrumento, pois torna possível conhecer histórias muitas delas transmitidas de geração a geração. As histórias ficcionais, quer seja narrada através de recursos tecnológicos, quer seja contada de uma maneira mais simples, são primordiais para crescimento do indivíduo, principalmente quando se encontra debilitado físico e emocionalmente, internado em hospitais.

Redescobrir antigos valores é importante para humanizar o mundo de nossos dias. A magia de contar histórias pode e deve permanecer independente das outras possibilidades midiáticas que surgem a todo instante. A história estimula o imaginário e faz com que a criança conheça lugares jamais imaginados. A criança quando hospitalizada se depara com uma realidade de dor e solidão, é nessa hora que a história é importante, porque vai alegrar e amenizar um pouco do sofrimento, da dor, e da solidão presentes no hospital. As histórias têm o poder de promover alento, alívio das tensões e ansiedades, aumento da auto-estima, fatores que auxiliam na melhora do quadro clínico, além de proporcionar uma série de conhecimentos para todos os envolvidos. O projeto **“Era uma vez no hospital: contação de histórias”** com suas apresentações transmitem durante pelo menos trinta minutos semanais uma viagem ao imaginário.

6. REFERÊNCIAS

ABROMOVICH, Fany. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos**: resolução nº 196/96. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1996.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CALDIN, Clarice F. **A oralidade e a escritura na literatura infantil**: referencial teórico para a hora do conto. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/147/14701304.pdf>. Acesso em 30/04/10.

CALDIN, Clarice F. **A leitura como função terapêutica**: biblioterapia. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/36/5200. Acesso: 30/04/10.

COELHO, Nelly. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAM, Regina. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 1985.